

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

ESTE JORNAL É MEU REVÓLVER: O Periódico Ordem e Progresso.

JOSÉ CARLOS ZILIANI*¹

*Propriamente eu sou
Durango Kid
eu vim trazer, eu vim mostrar
novo jornal, novo sorriso
novo jornal, novo sorriso*

*Propriamente dizer
o só exato
pois hoje eu sou o que eu fui
não desmenti o meu passado
esse jornal é meu revólver²
esse jornal é meu sorriso.²*

A reflexão desenvolvida neste texto é parte e desdobramento de uma pesquisa mais ampliada, interessada em compreender o processo histórico de ocupação de parte do Oeste brasileiro, entre as décadas de 1920 e 1950, abrangendo especialmente partes do Oeste do Estado de São Paulo e parte do sul do Estado de Mato Grosso do Sul. Toma em referência para análise um periódico, o jornal “Ordem e Progresso”, qualificado originalmente como folheto de propaganda da Organização Bata na Zona Sorocabana, logo em seguida Órgão de Propaganda, publicado pela Companhia de Viação São Paulo Mato Grosso (CVSPMT), a partir de 1940, período que a Companhia foi adquirida pelo empresário imigrante de origem Tchecoslovaca, Jan Antonin Bata. Ressalta-se que, além de proprietário da CVSPMT, o empresário fundou uma fábrica de sapatos na cidade de Batatuba, no Estado de São Paulo, criada para ser a cidade industrial dos calçados Bata no Brasil.

¹ Doutor em História, professor do curso de História da Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, Mato Grosso do Sul.

² Música e poema de Toninho Horta e Fernando Brant, interpretada por Milton Nascimento no álbum “Milton”, de 1970.

O jornal periódico denominado Ordem e Progresso iniciou suas atividades em setembro de 1942. Já na primeira edição, o jornal veiculou como imagem de capa uma fotografia de “busto” do Presidente da República Getúlio Dorneles Vargas, com a legenda “Só a Ordem Assegura a Confiança e a Estabilidade”, demonstrando perfeita sintonia com o “espírito nacionalista” e exacerbador da figura máxima de Vargas e do Estado Novo.

A sobrevivência deste jornal como um registro de uma época e de uma experiência empresarial e pessoal, viabilizou-se por um expediente, que no Brasil tem sido fruto do acaso, da atitude de algumas pessoas ou grupo de pessoas em guardar registros de memória, frente ao que é mais recorrente, a destruição de documentos e da memória. O Jornal Ordem e Progresso sobreviveu como coleção, pela atitude dos descendentes de Jan A. Bata no Brasil (na cidade de Nova Andradina sua neta Dolores Arambasic, e os descendentes de um dos colaboradores Jindrich Trachta na cidade de Batayporã, ambas em Mato Grosso do Sul), constituindo-se como uma modalidade bastante profícua para as pesquisas históricas, que tem sido os acervos pessoais, e que tendem a tornarem-se acervos abertos ao público. Ainda mais, o jornal como documento, e como fonte de pesquisas, “carrega implicitamente as relações de poder e as representações presentes no contexto de sua produção”, (REZENDE, 2003:16) que desse modo o qualifica como base empírica para um conjunto de inferências e análises, pois sabemos que a imprensa periódica “é uma grande força política que, além de registrar e comentar seu momento histórico, possui a capacidade de produzir representações e imagens da sociedade, de influenciar, em certa medida, a opinião pública”.(Idem)

Do mesmo modo, e na mesma direção, e pensando na potência opinativa e formadora da imprensa, “por muito tempo e ainda hoje, os profissionais da grande imprensa”, quiçá os periódicos de grupos ou de empresas, atribuíram a si mesmos o papel de construtores da opinião pública, de formadores de atitudes”. A imagem da imprensa produzida pelo iluminismo, fenômeno que se desmultiplica na atualidade, atribui a ela a função de guia em direção à

verdade. “O ideal das luzes deveria orientar os periódicos, cujos princípios emanariam de altos valores como a honestidade, a virtude e a sabedoria”. (Idem: 19) Segundo Capelato:

essa imagem fora fabricada pelos iluministas, que se apresentaram, no mundo moderno, como portadores da verdade capaz de eliminar o erro e a mentira. A imprensa, desde então, se fez porta-voz desses ideais que circularam e se mantiveram vivos até este século. (CAPELATO, apud. REZENDE, 2003: 19-20)

Nestes termos, tomar o jornal *Ordem e Progresso* como fonte de pesquisa para analisarmos historicamente a CVSPMT, e o seu principal personagem Jan Antonin Bata, sustenta-se pela possibilidade daquele periódico ele ter funcionado como uma forte influência na construção da memória dos grupos que lhes estavam subjacentes em dois momentos bem específicos ou distintos: primeiro, naqueles anos em que o jornal foi concebido, produzido e difundido, quando o mesmo exerceu efetivamente o seu papel, sua função em seu contexto histórico de sua produção e circulação, servindo de instrumento da CVSPMT e de Jan Antonin Bata, agindo como formador de opinião e da identidade do grupo, representados pelos imigrantes tchecos colaboradores do grupo Bata e demais colaboradores brasileiros. Num segundo momento, pode ser entendido como possibilidades de leituras, releituras, ou formas diversas de apropriações, diferentes daquela quando ele foi produzido, tomando direções diversas, como nos exercícios de elaboração e reelaboração da memória, como instrumento de preservação de experiências vividas, ou seja, como um suporte da memória e de identidades. Neste momento, o jornal pode “ser utilizado como matéria prima para a construção de memória, visando a formação da identidade e/ou a legitimação de suas posições” e lutas no tempo presente. Momento em que ele é também instrumento do historiador, para a construção de uma visão do grupo que parte de fora do mesmo, mas procurando utilizar elementos endógenos e eleitos pelo próprio grupo.

Como afirma Rezende (2003: 28):

a produção da memória tem se tornado prática reivindicada por todos os grupos sociais como meio de defesa de sua identidade e de seu patrimônio cultural, como garantia de seu direito à história e, portanto ao próprio passado. Percebemos então que a proposta de trabalhar a história do ponto de vista de grupos específicos e localizados é uma tendência de duplo sentido, isto é, parte tanto das preocupações do pesquisador com os conflitos e resistências em todas as esferas, como parte também do movimento dos próprios grupos que buscam elaborar sua memória e sua história, como parte dos subsídios para construção e manutenção de sua identidade.

Entretanto, será tarefa do historiador, aprofundar a crítica do jornal, como para qualquer fonte, tomado como documento, restituindo-o ao contexto, apreendendo, na medida do possível, os propósitos conscientes ou inconscientes mediante os quais foi produzido, tentar perceber os modos de transmissão, ao público a que ele se destinava, e as suas múltiplas possibilidades de leituras pelo público que o recebia, o que nem sempre é tarefa fácil. Levando em consideração os erros, os equívocos, os silêncios, as ausências, buscar o que o jornal, ou o documento, deixam transparecer sobre como pensavam, o que desejavam, como viam o mundo os responsáveis por sua produção.

A forma de análise, bem como o título deste artigo representa uma alusão a uma metáfora, aquela do jornal, o Pasquim, como uma arma política de um grupo de intelectuais de esquerda, nas décadas de 1960/70 durante o regime militar no Brasil. O uso de tal metáfora, o “jornal como um revólver”, foi inspirado e tomado emprestado a partir da música Durango Kid³.

A metáfora em uso neste artigo pretende funcionar como uma possibilidade de análise e do estabelecimento de similitudes para contextos e personagens díspares, até mesmo antagônicos do ponto de vista político. Para o caso deste artigo, aponta para as formas com as quais o empresário Jan Antonin Bata, criou e utilizou-se do jornal Ordem e Progresso, manifestando-se e apresentando-se frente às comunidades da região da Alta Sorocabana, no Estado de São Paulo, e

³ Música e poema de Toninho Horta e Fernando Brant, interpretada por Milton Nascimento no álbum “Milton”, de 1970.

porções do sul do Estado de Mato Grosso onde a CVSPMT implantou núcleos de colonização, como Bataguassu e Batayporã. Demonstrando afinidade com as questões daquele tempo, e do momento político nacional brasileiro, qual seja o Estado Novo e nos anos seguintes, posto que, como imigrante recém-chegado ao Brasil, e como empresário que era, necessitava de construir um conjunto de redes de sociabilidades nas várias instâncias do âmbito administrativo e político, da mesma forma em relação às comunidades do entorno.

Tal fenômeno apontado acima não guarda nenhuma novidade, pois desde o surgimento da imprensa periódica, ela foi compreendida e pensada estrategicamente em seus fins pragmáticos e utilitários, como quando da presença da corte portuguesa no Brasil no início do século XIX, explicitava-se o papel da imprensa, ou o entendimento de sua função como arma política nos jogos de poder ou de representações dos jogos de poder, momento em que “a corte portuguesa sempre estivera atenta, desde sua instalação no Rio de Janeiro em 1808, à serventia da imprensa periódica como arma política”. (Pimenta, 2006: 23) Ou ainda, e de outro modo, ignorar a produção de periódicos, “implica mutilar um universo historicamente construído de gestação de uma opinião pública”.(Idem: 20)

Numa amplitude mais intensa, haja vista a multiplicação das possibilidades técnicas e tecnológicas do período,

Na história da imprensa, o contexto da Primeira República (1889-1930) destaca-se como particularmente expressivo, pois é nesse momento que se inicia, mesmo que em bases precárias, o processo da moderna comunicação de massa. As revistas desempenham aí papel estratégico e de grande impacto social. Após a Revolução de 1930, com a expansão e a sofisticação da indústria nacional de livros, altera-se esse quadro e, conseqüentemente, a relação entre autor, editor e público.”(VELLOSO, apud Hallewell, 1985: 313)

Portanto, próximo à temporalidade do objeto tratado neste artigo, o jornal Ordem e Progresso e a Companhia de Viação São Paulo Mato Grosso, colocam-se em alinhamento ao projeto modernizante, da república de um modo geral e do Estado novo em especial, de modo a mostrar-se:

associado à materialidade das conquistas tecnológicas e ao desenvolvimento do processo urbano industrial, de outro é marcante sua vinculação à esfera das ideias e das representações, enfatizando-se a urgência de construir um 'modo de ser nacional', capaz de traduzir o pensamento brasileiro e seu lugar no concerto civilizatório. As revistas (e os jornais) apresentam-se como como órgão de ponta na construção, na veiculação e na difusão do ideário moderno, compreendido em sua mais ampla acepção.(VELLOSO: 316)

Uma particularidade das revistas, mais também presentes em periódicos, jornais foi a difusão de um estilo de uma “literatura de aconselhamento”. Esta “ia dos primeiros cuidados médicos e sugestões de tratamentos higiênicos às receitas culinárias e de beleza, passando por consultório sentimental, moda, estética, astrologia e economia doméstica”.(Idem: 239)

Sobre o personagem em evidência, vale ressaltar que as condições da emigração de Jan A. Bata e muitos de seus colaboradores do grupo Bata Slin S. A. para o Brasil, foram marcadas pelas circunstâncias daquele momento histórico, já bastante conhecido. A decisão de sair da Tchecoslováquia decorreu das condições impostas àquele país pela anexação dos sudetos pelas forças do nazismo. Posteriormente, em sua rota de fuga encontrou muitos problemas, tanto na própria Europa, bem como quando de sua rápida permanência nos Estados Unidos da América do Norte. Uma marca forte daquelas dificuldades foi a sua inclusão, pelas potências aliadas, na lista negra dos colaboracionistas com o regime nazista. Quer dizer, ele tentou se mover entre as pressões nazistas e as pressões dos países aliados, sobrando-lhe pouco “oxigênio” para sobreviver, especialmente por se tratar de um empresário com espectro de ação internacional (a Bata Slin S.A. era uma companhia multinacional, com fábricas de calçados em muitos países do mundo). Aquelas dificuldades acentuaram-se no período do pós-guerra, marcado pelas turbulências da Guerra Fria, quando os antagonismos internacionais não eram mais marcados pelo antagonismo entre nazistas e aliados, mas, entre países capitalistas e países socialistas. Neste período os problemas continuaram, pois as injunções internacionais contra Jan A. Bata e as empresas Bata passaram a contar com novos personagens, quais sejam as autoridades do Tribunal Nacional Tcheco, interessados em legitimar o processo das nacionalizações das empresas Bata na Tchecoslováquia.

Já então no Brasil, tendo iniciado suas novas atividades econômicas, e buscando espaços, tomando o jornal Ordem e Progresso como instrumento de ação, no editorial da primeira edição, assinado por Jan A. Bata, o mesmo afirmou os propósitos da criação do periódico que deveria servir ao melhor entendimento entre a direção das empresas com os “seus amigos, colaboradores, camaradas, e ao povo da vizinhança do nosso trabalho”.(ORDEM E PROGRESSO. n.1, 30.09.1942: 2). Para o empresário e suas empresas aquele período histórico, o da Segunda Guerra Mundial, foi intensamente turbulento, e sua chegada ao Brasil, bem como as suas atividades passaram por muitas desconfianças, frente às quais afirmou;

Nos tempos de inquietação como os que atravessamos agora, é comum ver-se gente interessada em promover rumores procurando atrapalhar o nosso trabalho. Tudo será esclarecido pouco a pouco nas colunas deste periódico. Pelas suas páginas vamos mostrar aos nossos amigos e colaboradores, a nossa obra e as nossas tarefas de uma maneira facilmente compreensível. Traremos a documentação do nosso trabalho e da nossa capacidade que são unicamente dirigidos no sentido de satisfazer os nossos desejos de servir, sempre na frente, o desenvolvimento do País. (Idem)

Estrategicamente demonstrando perfeita sintonia com as políticas do Estado Nacional Brasileiro, no que se referia aos eixos centrais da política do Estado Novo, quais sejam o trabalho, o trabalhador e o desenvolvimento nacional, afirmou que:

com o nosso trabalho queremos melhorar a vida da gente trabalhadora na agricultura e na indústria. O Exmo. Presidente da República, Dr. Vargas, no decorrer da sua proclamação nas primeiras horas deste ano, declarou que o Brasil conhece só duas classes de gente: a que serve o País e a que aqui vive com o desejo de prejudicá-lo. Afirmou mais, que a primeira classe, a classe dos que desejam trabalhar e servir, será considerada amiga do País. (ORDEM E PROGRESSO, n.1, 30.09.1942: 2)

Utilizando-se do apelo político de Vargas, bem como da ressalva para aqueles que porventura lhe fizessem oposição, o editorial procurou enfatizar que as empresas Bata, dando

enfoque para a CVSPMT, estavam na primeira classe, e para aqueles que porventura estivessem na segunda, a ressalva de que:

Alguns nos felicitam pelo trabalho já feito nesses poucos meses. Outros preferem suspeitar dos nossos esforços e da sinceridade das nossas ações, por intenções políticas. O lema da bandeira nacional – Ordem e Progresso – é o nosso lema. Por isso usamo-lo como título deste boletim. O único interesse para nós e para o País é o trabalho. Há 50 anos que esse é o nosso credo. E nós nunca o alteramos. O trabalho precisa de ORDEM para poder atingir o PROGRESSO. Então: ORDEM E PROGRESSO!. (Idem)

Aquele primeiro número do Ordem e Progresso, foi, simbolicamente significativo, pois ele anunciou posições estratégicas da CVSPMT, bem como de Jan Antonin Bata no Brasil. Além do editorial já referenciado, ele tratou de manifestar-se sobre os negócios da navegação no Rio Paraná e seus afluentes; um dos colaboradores Vendelin Hnilica expôs todos os planos da companhia para o setor agropecuário-industrial; a criação de uma escola técnica profissional em Indiana/SP; e divulgou o ato benemérito de Jan Antonin Bata ao doar um avião para o Aero Clube de Presidente Prudente/SP.

As atitudes tomadas por Jan Antonin Bata, sob a forma de práticas discursivas materializadas nos artigos e notícias divulgadas no jornal, foram vitais, ou estrategicamente vitais para a continuidade dos negócios da Companhia de Viação São Paulo Mato Grosso, pois, algumas das atividades da companhia e de suas concessionárias, como a Companhia Comercial Alto Paraná e Companhia Industrial Mercantil e Agrícola (CIMA) de Indiana no estado de São Paulo, desenvolviam-se, desde a criação da Companhia, em 1908, a partir de concessões do Estado, como: a navegação fluvial no Rio Paraná e seus afluentes do lado matogrossense, como no Rio Pardo, Rio Ivinhema e Rio Brilhante; a exploração de transporte de gado pela estrada boiadeira e seus respectivos pousos, do gado oriundo da região sul de Mato Grosso em demanda às regiões paulistas consumidoras.

Assim, o uso do texto jornalístico e do jornal como “arma”, ou, se se quiser poderíamos tomá-lo como um dispositivo discursivo, entendendo desse modo, o dispositivo como um conjunto de ações que desdobram-se em várias direções. Desse modo, ele serviu como parte das táticas da companhia para construir relações com a comunidade local e regional da região da Alta Sorocabana no Estado de São Paulo, compreendendo, dentre outras, a cidade de Indiana, próxima 12 quilômetros de Presidente Prudente, onde estavam estabelecidos e sediados os principais empreendimentos, escritório central de vendas de terras aos colonos, olarias, criação e engorda de gado oriundo do sul de Mato Grosso e administração das casas comerciais da Companhia Comercial Alto Paraná, que mantinha armazéns: nos núcleos de colonização; Porto Tibiriçá em Presidente Epitácio, no Estado de São Paulo; Porto Alegre confluência dos rios Pardo e Anhanduí, e Entre Rios (hoje Rio Brillhante), no Estado de Mato Grosso.

Fazendo ver o bom relacionamento da companhia com os proprietários rurais da região, e a contribuição da companhia para o “progresso” e o desenvolvimento econômico e social, publica uma entrevista concedida por um antigo morador de Indiana, naquele momento ocupando a função de fiscal de uma das fazendas da companhia, a fazenda Dr. Jorge. No segundo número do jornal, de 15 de outubro de 1942, o entrevistado manifesta a sua opinião sobre as ações da companhia com a nova administração, afirmando não ser possível comparar o presente com o passado recente, pois, “o que se faz agora é dez vezes maior do que existente 2 anos atrás”. Objetivamente sobre o sistema de colonização e o cultivo das terras, enfatiza que os empreendimentos possibilitaram trabalho “a centenas de famílias que vão assim obtendo o seu sustento dentro de um nível de vida bastante elevado”, e no que se refere às condições sociais, “aí estão, para quem quiser ver, as casas da colônia, todas dotadas de um conforto que não se encontra em nenhuma outra organização”. E, numa perspectiva ampliada de avaliação dos trabalhos da companhia, enfatizou que;

[...]representa o aumento da riqueza pelo e aproveitamento e exploração de terras até hoje abandonadas ou incultas, assim como a industrialização intensiva desta parte do Estado que tanto necessita de braços para progredir. E eu creio que, dentro em pouco,

o trabalho da nossa empresa produzirá também efeitos surpreendentes no Estado de Mato Grosso, para onde se dirigirão muitas famílias. A organização é, portanto, merecedora dos agradecimentos dos brasileiros.(ORDEM E PROGRESSO. 15.11.1942: 03)

O ato de doação de uma aeronave ao Aero Clube de Presidente Prudente, também foi ornado de todos os caracteres de ato patriótico e de vocação pela causa do progresso da nação. Quando uma comissão do Aéro Clube, em 22 de setembro de 1942 procurou Jan Antonin Bata para solicitar apoio em espécie para o referido clube, a resposta foi a doação de uma aeronave. A aeronave recebeu como nome de batismo “Tomas Bata”, irmão de Jan A. Bata, morto em acidente aéreo na Europa, no ano de 1932, quando levantava vôo. Assim se refere o artigo sobre a doação:

o simpático gesto do dr. Bata calou no coração dos seus colaboradores, tanto que quando a transmissora de Presidente Prudente, deu às 10:30 horas, a notícia da doação e leu o telegrama que a comissão do aero clube local enviou às autoridades brasileiras, todos ergueram brindes ao Brasil e à sua gloriosa aviação. (ORDEM e PROGRESSO. 22.09.1942: ?)

E, pretendendo transformar aquele ato e aquele dia em “ato fundador”, profetiza o artigo, dizendo: “a data de 22 de setembro ficará indelevelmente gravada nos anais de Indiana e da Aviação Civil Brasileira, para dizer bem alto da grande amizade do Dr. Bata pelo Brasil e do seu desejo de colaborar com os brasileiros no engrandecimento da nossa Pátria”. (Idem)

Para aquele contexto histórico da Segunda Guerra Mundial, quando o abastecimento de combustíveis encontrava-se fortemente racionado, não representou um entrave, pois, na falta de combustíveis para a utilização de tratores e outras máquinas agrícolas, “usando animais onde o terreno permite, e quando isso não for possível, enxadas com cabos de 2 metros e braços fortes, é a única solução”.(Idem, p. 03). Sintomático e curioso, ainda, foi que no roda-pé da página em referência, em caixa-alta, o jornal reproduziu uma frase do então governador do Estado de São

Paulo, Fernando Costa, nos seguintes termos: “Façamos belas as zonas rurais, que as cidades por sua vez se embelezarão também”. (Ordem a Progresso, 15.10.1942: 03)

Como forma de resolução dos problemas decorrentes da falta de combustíveis e de metais, como o ferro, o jornal dá visibilidade a algumas soluções implementadas para a continuidade dos negócios. Uma dessas alternativas foi a adoção de trilhos de madeira, batizados de “Madeirovia”, implantada nos setores industriais da CIMA, em Indiana, no Estado de São Paulo, o que permitiu escoar parte da produção das olarias e das serrarias e marcenaria, até as estações da Estrada de Ferro Sorocabana, as quais;

[...]serão trafegadas por vagonetas ou pequenas gôndolas puxadas também por pequena locomotiva ou outro qualquer veículo de tração a motor.[...] O traçado da madeirovia de vários quilômetros na direção do local chamado `engano` já se aproxima do seu término, onde em breve o lufá-lufá do trabalho intenso despertará a sua quietude e silêncio, pois aí serão iniciadas novas atividades industriais.(Idem)

Em referência às atividades industriais em Indiana, informava:

redobram-se as atividades industriais da Companhia CIMA em seus vários setores, o que impressiona satisfatoriamente aos observadores. Basta citar, por exemplo, o que vai pela secção de marcenaria, onde se destaca a produção de belíssimos e artísticos parquetes [...] tacos de madeira formando desenhos.[...] A serraria desdobra afanosamente inúmeras toras, enquanto outras máquinas cuidam do aparelhamento da madeira que, a seguir é embarcada para as praças de São Paulo e Rio de Janeiro.[...] Há ainda uma secção recém-criada na carpintaria, destinada ao preparo do madeiramento para a construção de chatas e rebocadores para os serviços próprios, na navegação no Rio Paraná e seus afluentes. (ORDEM E PROGRESSO. 15.08.1943: 4)

E, informa a gama de processos de industrialização de produtos agrícolas e florestais, como fora anunciado nos números iniciais dos interesses da companhia em montar um complexo agroindustrial, como:

[...]a mamona produzida nos campos agrícolas da companhia está sendo beneficiada em máquina apropriada, sendo essa semente oleaginosa encaminhada a seguir para a fábrica de óleo.[...] a máquina de beneficiar algodão, tanto de produção da Cia. como de terceiros, e arrendada nesta safra à firma Salles & Cia., funciona noite e dia. A exploração de casca de árvore da cortiça [...] na produção de chapas isolantes muito procuradas pelas fábricas de refrigeradores e para outros fins. A secção de destilação de madeira, recentemente instalada”.(Idem)

O jornal dava ampla visibilidade aos inúmeros outros negócios da companhia na região da Alta Sorocabana e Sul de Mato Grosso, com forte enfoque nos projetos de colonização, além de outros, como: turismo nos vapores pelo Rio Paraná até Foz do Iguassu e Sete Quedas; exploração de resinosos das florestas; melhoramento genético na pecuária; produtos de cerâmica, etc.

No aspecto social, voltavam-se os artigos para as práticas de higiene e disciplina no trabalho, como uma meta a ser alcançada por todo aquele que almejasse um futuro melhor para si, sua família, e para a Nação. A companhia empenhou-se e envolveu-se na campanha nacional pelo calçado popular, associando o seu uso ao grau de civilidade. Destacou-se o empenho da Companhia e fomentar a prática dos esportes, em especial o futebol, fundando clubes e times em todos os retiros e secções da companhia, organizando torneios entre os próprios clubes e demais das cidades da região, momentos em que dava ênfase à necessidade de disciplina e bom comportamento.

Da mesma forma e na mesma direção, na edição seguinte, cita novamente frase do governador do Estado de São Paulo, nos seguintes termos: “na prosperidade do campo é que repousa toda a prosperidade dos centros urbanos. Suas próprias atividades industriais dependem de matérias primas facultadas pela agricultura”. (ORDEM E PROGRESSO. 31.10.1942: 03)

No embalo da marcha para o Oeste e de sua viabilidade pela adoção de novos princípios frente às atividades econômicas, expansão da atividade industrial e melhoria técnica da

agricultura brasileira, até aquele momento, marcada pela adoção de técnicas arcaicas e de relações de trabalho, perdurantes de uma mentalidade escravocrata, a companhia anuncia, registra e divulga as conquistas e a promoção de novas técnicas produtivas em suas unidades, capazes de “modernizar” o sertão, com a instalação, por exemplo de rodas d`água:

A secção de carpintaria da Companhia CIMA tem em construção duas rodas d`água no diâmetro de 4 e 5 metros respectivamente. (...). A roda menor destina-se à fazenda Retiro Formoso, e a maior está designada para instalação em nossa fazenda Porto Alegre no Estado de Mato Grosso. Os serviços de adaptação do terreno, desvio da água e outros correlatos, estão em pleno andamento, esperando nós que as águas até agora correndo sem qualquer utilidade, sob o ponto de vista mecânico, em breve moverão várias máquinas agrícolas, tais como: de benefício de arroz, moinhos de fubá, farinha de mandioca e outros engenhos que a necessidade indicar”. (ORDEM E PROGRESSO. 01.12.1942: ?)

Termina o artigo, anunciador da técnica salvadora do atraso e da inércia, com uma frase em caixa alta: “Não basta ter idéias – é necessária a força de vontade para pol-as em prática”.(idem)

O jornal funcionou ainda como “arma” pessoal por Jan Antonin Bata, quando, em dezembro de 1943, publica, na íntegra um edital de contra-protesto, no qual ele tentou defender-se de uma ofensiva de representantes diplomáticos da República Tcheca, em deliberação do Tribunal Nacional, que haviam se apropriado de seus bens naquele país e ambicionavam a apropriação de seus bens no Brasil. No edital explicita, de acordo com seu entendimento jurídico, e em detalhes, todos os percalços falseadores dos argumentos que tentaram tomar posse de todas as suas propriedades no Brasil.

Nas edições da década de 1950 a ênfase recaiu sobre os projetos de colonização em Mato Grosso como Bataguassu, e aquele que estava em fase de elaboração: Batayporã. Naquele período o jornal também adquire uma característica mais “aberta” de um noticioso em geral. A última edição constante da coleção data de novembro de 1951. Não foi possível saber se o jornal

continuou nos anos seguintes. De qualquer forma, e como possibilidades de novas análises, o jornal *Ordem e Progresso* como fonte, representa a consolidação e proficuidade das micro análises, fazendo ver e deixando dizer a grande gama de personagens em ações a desmultiplicar aquilo que durante muito tempo esteve circunscrito às possibilidades supra-estruturais, ou superestruturais. Enfim, não foi o só “Estado Novo”, como uma entidade “fenestra e sinistra” responsável pelo engendramento de uma política do Estado todo poderoso. Mas, também, e talvez com mais eficiência, foram os funcionamentos locais, micro, que produziram mais eficácias, materializações e representações potencializantes.

Citações:

NEVES, Lucia Maria Bastos P., MOREL, Marco, e FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). **História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder**. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006.

PIMENTA, João Paulo G. Nas origens da imprensa luso-americana: o periodismo da província cisplatina (1821-1822). In: NEVES, Lúcia Maria P. Neves (et all.) (orgs.). **História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder**. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006. pp. 19-36.

REZENDE, Darcilene Sena. **A história na mão: periódicos universitários discentes paulistas entre 1964 e 1979**. Universidade de São Paulo, FFLCH, 2003. Tese de doutoramento.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Percepções do moderno: as revistas do Rio de Janeiro. In: NEVES, Lúcia Maria P. Neves (et all.) (orgs.). **História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder**. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006. pp. 312-331.

Fonte:

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

15

NASCIMENTO, Milton. **CD Milton Nascimento**. Estúdios EMI-ODEON. Rio de Janeiro: 1970.

ORDEM E PROGRESSO. Coleção de 1942 a 1951, números 01 a 36. Indiana/SP.